

ESTILO DE VIDA E CULTURA COMO CONCEITOS NORMATIVOS? PUTAS, MERDAS E OUTROS DEVIRES SUBVERSIVOS

Luciano Jahneka

Mestre em Educação em Ciências, discente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsa Capes.

Carmen Silvia de Moraes Rial

Doutora em Antropologia Universidade de Paris V, professora dos PPG's em Antropologia Social e Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Luiz Carlos Rigo,

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professor do PPG em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

RESUMO ESTENDIDO

Se a emergência da noção de identificação não se limita a fixar a maneira com que nos percebemos e significamos nosso modo de agir no mundo, para além da pouca mobilidade deixada pela(s) identidade(s), a **constituição de si** está atravessada por deslocamentos, fragilidades e afirmações. A proposta deste artigo consiste em discutir os conceitos de **processo de subjetivação** e **estilo de vida**, entendendo que estes podem ser encontrados permeados por categorias que liberam os sujeitos do sedentarismo das identificações e também por isso dão forma a uma vida.

Conforme o argumento de responsabilizar (a palavra mais adequada seria culpabilizar) o indivíduo ao nível da população, propomos neste trabalho analisar como são produzidas subjetividades através de relações que são suprimidas, silenciadas, estimuladas, ofertadas através de dois conceitos: o de **processo de subjetivação**, que atua na forma com que os sujeitos reconhecem, significam e exercitam formas e forças de suas práticas, e o de **estilo de vida**, pelo qual procuramos divergir daquelas posturas as quais identificam e fixam as subjetividades dissidentes, e transformar a noção de **estilo** em uma

micropolítica combativa de singularização ao mesmo tempo que refuta a tomada do desejo por um encaixe, enquadramento.

Com esta tentativa de retirada de unidade da forma com que vivemos coletivamente, onde cada vez mais sujeitos ocupam diversos espaços e assumem identidades mistas, não estaríamos desprezando a historicidade com que se formaram? Esta ausência de identidade significaria a desmobilização das chamadas “minorias sociais”? Será que não estaríamos retirando o único a priori que elegemos para “cartografar” as condições de existência? Diante de todo este quadro, onde a reificação de identidade encontra ressonância tanto de ordem local quanto global, a escolha pela singularização, isto é pela diferença, não isola sujeitos em pequenos fragmentos à mercê de alianças pré-determinadas ou previstas, uma vez que, feita por agenciamentos coletivos lida com acontecimentos e transformações no plano histórico para forjar uma “subjetividade artista” (Rolnik, 1997).

Uma noção que merece especial atenção especialmente quando passamos por uma dissolução das identidades locais, retomando a distância entre individualização e singularização, é a de **estilo**. A afirmação de Gilles Deleuze citada acima no que se refere ao sujeito permanentemente inacabado e a negação de uma “importação” da vida dos “gregos” permite-nos realizar as aproximações e afastamentos necessários para pensar a noção de **estilo de vida** como uma possibilidade de experimentação daquilo que está porvir (um devir).

A noção de estilo então se presta a um duplo movimento. Referenciada por um modelo identitário, este estilo é utilizado para reiterar o que vinha sendo chamado de “cultura”. Nos moldes da produção industrial prêt-à-porter as categorias de cultura de Guatarri e Rolnik (1996) são aplicáveis ao estilo: primeiro, demarcando uma subjetividade modelizada como consequência de determinadas práticas (cultura-valor); segundo, acessar bens como mercadorias de consumo pelas quais se tem posse e propriedade de artefatos fabricados em certas épocas e locais (cultura-mercadoria), ou seja, ter posse sobre determinada mercadoria significa ser composto por um determinado “estilo”; e por último, capacidade exercida por reivindicar identidade, coloca em escalas subjetividades mais ou menos válidas.

Grandes e pequenos autores de sua própria vida, os **estilos** são como escolhas traçadas por relações possíveis muitas vezes improváveis que algum/alguém vai compondo

e ao permanecer constantemente em diálogo consigo mesmo faz-se novas questões. Evitando as vias reacionárias que um **estilo** pode encerrar em si, um **estilo de vida** atenta-se muito mais para as trajetórias, as escolhas e assim prática de uma escrita de si cercada por intensidades e afetos. Se um modo de subjetivação, não é um sujeito, uma pessoa, mas um campo de intensidades, o estilo de vida é a resultante da interação entre as forças que o compõem.

Palavras-chave: subjetivação; estilo de vida; identificação.

Referências

ARTIÈRE, Philippe. Tornar-se anônimo: escrever anonimamente. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Para uma vida não-fascista*. pp. 305-324. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. vol.4. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *As técnicas de si*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. In: _____. *Dits et Écrits*. Vol. IV, pp. 783-813. Paris: Gallimard, 1994.

_____. A escrita de si. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Coleção Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. pp.144-162. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

_____. Foucault. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Coleção Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. pp.234-239. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. Uma estética da existência. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Coleção Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. pp.288-293. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c.

_____. *La vida de los hombres infames*. Trad. Julia Varela e Fernando Alvarez-Úria. La Plata: Altamira, s/d.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In:_____. *Escrita de si, escrita da história*. pp. 7-26. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade*. pp. 25-34. Campinas: Papirus, 1997.